

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES
INDÍGENAS – FIEI
HABILITAÇÃO: MATEMÁTICA**

ROUPAS DE PALHA TRADICIONAIS XAKRIABÁ

Neuza Rodrigues da Silva Oliveira

BELO HORIZONTE

2018

Neuza Rodrigues da Silva Oliveira

ROUPAS DE PALHA TRADICIONAIS XAKRIABÁ

**Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Formação para
Educadores Indígenas da Faculdade de
Educação da Universidade Federal de
Minas Gerais como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciatura
em Educação Escolar Indígena**

**Orientadora: Profa Dra Clarisse Maria
Castro de Alvarenga**

**Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2018**

Banca Examinadora:

Valdeir Marcos de Almeida (Xakriabá)

Juliana Gouthier Macedo (FaE/UFMG)

Clarisse Maria Castro de Alvarenga (FaE/UFMG/Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de ter chegado até aqui, a toda minha família pai, mãe, irmãos, esposo pelo apoio, em especial ao meu filho Felipe por ter superado a minha ausência no momento em que estava no curso, porque estava em busca de um futuro brilhante tanto para mim, quanto para ele, as demais pessoas da minha família, e amigos.

As pessoas que me concederam as entrevistas: Senhor Valdemar liderança da aldeia Prata, Déda e Célia Xakriabá por ter me passado conhecimentos tão ricos da minha cultura, ao meu colega de trabalho Aldemir, por ter participado comigo tanto nas entrevistas quanto na oficina me ajudando nas fotografias e gravações, e também meus alunos Elielma e Ivan (in memoriam) que participaram de uma oficina de confecção das roupas de palha Tradicionais Xakriabá junto comigo.

A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por abrir as portas para os povos Indígenas, e a Faculdade de Educação (FaE), a todos os professores , bolsistas em especial a nossa coordenadora da turma de matemática Vanessa Tomaz e também a Keli Cristina que coordenou a nossa turma por um ano e que sempre se preocuparam em trazer melhoria para seus alunos tanto nos módulos em Belo Horizonte, quanto nos intermódulos nas aldeias, não posso esquecer da professora Teresinha Kawasaki que nos passou tantos conhecimentos e todos nos atenderam muito bem.

A minha orientadora Clarisse Maria Castro de Alvarenga pela paciência que teve comigo em todos os encontros, pela dedicação, estímulo e pelas boas orientações fazendo com que o meu trabalho fosse realizado. E aos bolsistas, tanto da Matemática, quanto das outras habilitações que também contribuíram comigo nas orientações.

Agradeço aos colegas da turma de Matemática e demais áreas pelo companheirismo nos momentos alegres e tristes que passamos durante o período do curso, pois se não tivéssemos esse apoio seriam muito mais difícil, momentos estes que são inesquecíveis. Aos demais coordenadores do curso que sempre estiveram dispostos a nos ajudar.

Agradeço a todas as lideranças e caciques pela força de lutar pelos nossos direitos e pelo apoio.

Aos colegas de trabalho, que me substituíram em sala de aula sempre que precisei, meus alunos pela compreensão, escola e comunidade em geral.

Em fim agradeço a todos que me deram incentivo e compreensão durante essa longa caminhada contribuindo com minha formação.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre as roupas de palha tradicionais Xakriabá. Meu objetivo foi analisar, acompanhar e descrever o passo a passo do processo de produção das roupas para manter o registro das mesmas e contribuir como fonte de pesquisa dessa prática do povo Xakriabá, principalmente para a juventude. Percebo que as pessoas da aldeia Prata fazem uso dessas roupas, mas não tem a prática de produção das mesmas. Para realização deste trabalho, foram realizadas três entrevistas com indígenas Xakriabá conhecedoras das roupas de palha e da sua importância para o nosso povo. Participei também de uma oficina de confecção das roupas de palha tradicionais, sendo todo o processo documentado por escrito e em fotografias. O material produzido nesta pesquisa poderá ser utilizado como suporte nas escolas das aldeias Xakriabá, pois, nele aparecem as descrições de como produzir as roupas de palha tradicionais Xakriabá, os materiais de produção das mesmas, seu significado e a importância do uso. No decorrer da pesquisa foi possível compreender que devemos preservar essa prática vinda dos nossos mais velhos para fortalecimento da cultura.

Palavras-chave: Roupas de palha tradicionais; Cultura; Povo Xakriabá; Aldeia Prata

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
Sobre a autora.....	5
Sobre o Território Xakriabá.....	7
Aldeia Prata.....	9
CAPÍTULO 1: A PESQUISA SOBRE ROUPAS DE PALHA TRADICIONAIS XAKRIABÁ.....	11
Metodologia.....	11
Sobre os entrevistados.....	11
CAPÍTULO 2: PROCESSO PRÁTICO DE CONFECÇÃO DAS ROUPAS DE PALHA.....	16
Passo a passo da confecção da saia de palha.....	20
A palha de buriti	20
Material para confecção dos artesanatos de palha.....	30
Outras vestimentas que também são feitas de palha.....	34
Outros artesanatos que são feitos de palha.....	37
Ritual com roupas tradicionais Xakriabá.....	41
CAPÍTULO 3: O QUE APRENDI COM A PESQUISA.....	43
O que aprendi com as entrevistas.....	43
A importância do uso das roupas.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
BIBLIOGRAFIA.....	51

INTRODUÇÃO

Este estudo, na modalidade de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), sobre as roupas de palha tradicionais Xakriabá é o resultado da pesquisa realizada por mim no âmbito do curso de Formação Intercultural Para Educadores Indígenas, FIEI, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, na condição de estudante da turma com habilitação em Matemática. A pesquisa foi desenvolvida com indígenas Xakriabá das aldeias Prata, Imbaúba I e Barreiro Preto. Essas aldeias fazem parte do território Xakriabá, no Norte de Minas Gerais.

A idéia de fazer um estudo sobre esse tema surgiu a partir de uma curiosidade minha em saber algo a mais sobre as roupas de palha tradicionais Xakriabá, que são utilizadas nos momentos das apresentações culturais e eventos comemorativos, como formaturas, por exemplo. Pois, quando ingressei no curso do FIEI, percebi que sabia pouco sobre as técnicas de produção dessas roupas e do seu uso. Sempre vi essas roupas sendo utilizadas em apenas alguns momentos e não diariamente. Então, senti a curiosidade de pesquisar sobre elas. No primeiro módulo do curso fiquei sabendo que cada aluno teria que desenvolver um trabalho de pesquisa. Pensei que seria o momento oportuno para que eu pudesse fazer esse trabalho.

O trabalho de pesquisa possibilitou construir um registro sobre o processo de produção das roupas e sobre o uso das mesmas. Também, se constituiu como um registro sobre esse aspecto da cultura Xakriabá. Além disso, contribuiu na minha aprendizagem e conhecimento sobre a produção dessas roupas. Meu objetivo nesta pesquisa foi analisar o processo de produção das roupas de palha tradicionais Xakriabá, acompanhando e descrevendo em texto e imagens esse processo.

Destaco a importância desta pesquisa sobre as roupas de palha tradicionais Xakriabá para a nossa comunidade, por representar um registro para aqueles que desejarem produzir essas roupas no futuro, pois existe a demanda contínua do uso delas e poucas pessoas na aldeia em que eu moro que é a aldeia Prata, sabem produzi-las. Mesmo nas outras aldeias do território, entre as pessoas que sabem fazer as roupas, muitas delas são anciãs. Existe a necessidade dos mais jovens aprenderem a produzir essas roupas, dentro e fora da aldeia, para a continuidade dessa característica da nossa cultura. Em particular, na aldeia Prata, não tem uma produção freqüente dessas roupas, dessa forma seus moradores precisam comprá-las em outras aldeias. Portanto, esta

pesquisa, a medida que for apresentada à comunidade, pode incentivar as pessoas a desejarem aprender a produzir elas mesmas essas roupas.

Esta pesquisa tem uma grande relevância para minha formação acadêmica, pois enriquece o meu conhecimento no que diz respeito ao tema. Essa pesquisa é de suma importância também para minha comunidade, pois os nossos mais velhos sempre pedem para que os jovens aprendam algo da cultura para que a mesma não seja esquecida, e as roupas de palha são muito importantes para o povo Xakriabá. Além disso, esta pesquisa deixa registrado no ambiente acadêmico esse aspecto da cultura Xakriabá.

Sobre a autora

Sou Neuza Rodrigues da Silva Oliveira, tenho 33 anos de idade, moro na aldeia Prata Terra Indígena Xakriabá, município de São João das Missões Minas Gerais. Sou casada e tenho um filho.

A minha trajetória de vida foi um pouco difícil. Sou filha de uma família humilde, mas sempre se preocuparam com nossos estudos, meu e dos meus seis irmãos.

Lembro que aos seis anos de idade eu chorava para ir para escola com minha irmã mais velha, onde minha mãe conversou com a professora e ela pediu para eu ir e ficar encostada, ou seja, não matriculada. Antigamente, para nós, só começávamos a estudar a partir dos sete anos de idade. A professora era não-índia. Aos sete anos comecei a estudar a 1ª série com a mesma professora e continuei estudando em minha aldeia até a 4ª série. Quando terminei a 4ª série continuei indo para a escola assistir as aulas somente para não ficar sem estudar porque só tinha até a 4ª série.

Neste tempo era muito difícil. Os professores eram de São João das Missões e não eram todos os dias que havia aula. Quando tinha, começava muito atrasada no horário, porque nem sempre os professores chegavam à tempo por causa da distância. Após três anos que tinha terminado a 4ª série fui para São João das Missões trabalhar em casa de família e estudar. Lá fiz a 5ª e 6ª séries. Depois fui para a cidade de Itacarambi - continuando a trabalhar em casa de família -, e estudei da 7ª série ao 3º Ano do Ensino Médio.

Esse período de estudo para mim não foi fácil, mas consegui vencer com as graças de Deus, o incentivo dos meus pais e a minha força e coragem. Não posso deixar

de lembrar das famílias com quem morei tanto em São João das Missões, quanto em Itacarambi, que foram muito boas para mim e isso fez com que eu animasse cada vez mais para terminar os meus estudos. Apesar de ter terminado um pouco atrasada, mas consegui terminar o Ensino Médio em 2005.

Ainda em 2005, comecei a fazer um curso de computação o qual terminei em 2006. E aí fiquei pensando o que fazer para ingressar em uma faculdade, pois meu sonho era me formar para ter uma vida digna. Em 2007, fui para Brasília trabalhar também em casa de família e ver se conseguia fazer uma faculdade ou pelo menos um curso técnico, mas não foi possível.

Em junho de 2008, surgiu uma vaga na escola da aldeia em que eu moro para trabalhar como professora. Foi quando comecei a trabalhar e estou até hoje trabalhando. Em seguida, no período de 2009 até 2011, fiz um curso de gestão em saúde, o qual foi muito difícil para eu concluí-lo, mas consegui terminar.

Como trabalho com a disciplina de matemática em Escola Indígena despertou-me o interesse em fazer a faculdade. Em 2014, prestei o vestibular para Licenciatura Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da UFMG, habilitação em matemática, e consegui ser aprovada. Fiquei muito feliz e ao mesmo tempo preocupada, pois meu filho tinha apenas dois anos de idade e nunca tinha ficado distante de mim por muito tempo, mas graças ao bom Deus tudo deu certo.

Antes de começar a fazer esse curso tinha uma curiosidade enorme em saber algo sobre as roupas de palha tradicionais, seu significado, como fazê-las e muito mais. E assim que comecei a estudar, a professora falou sobre o percurso que tínhamos que fazer para concluir o curso.

Quando ela falou já imaginei: vou pesquisar sobre as roupas de palha tradicionais. Foi um momento oportuno para saber algo da minha cultura que estava tão perto de mim e ao mesmo tempo parecia distante. Fui em busca da pesquisa e fiz meu trabalho, o qual foi muito rico para minha aprendizagem. Além do que aprendi, vou manter o registro para contribuir com a minha própria comunidade.

Durante o curso conheci muitas coisas importantes, que só vai me enriquecer, pois ser professora indígena é um desafio, pois temos que trabalhar com os livros didáticos, mas ao mesmo tempo não podemos deixar de ensinar a nossa realidade, os

conhecimentos dos mais velhos, que é o que nos faz ter uma educação diferenciada. Durante o curso, estou aprendendo cada vez mais, pois nossa formação tem esse sentido e destacam muito o respeito com a cultura e a realidade indígena. Tive a oportunidade de conhecer pessoas de outras etnias, que ainda não conhecia.

Diante de tudo só tenho a agradecer a oportunidade e o apoio que recebi e vou levar todo conhecimento que adquiri em prol da melhoria do meu povo e valorização da nossa cultura.

Sobre o território Xakriabá

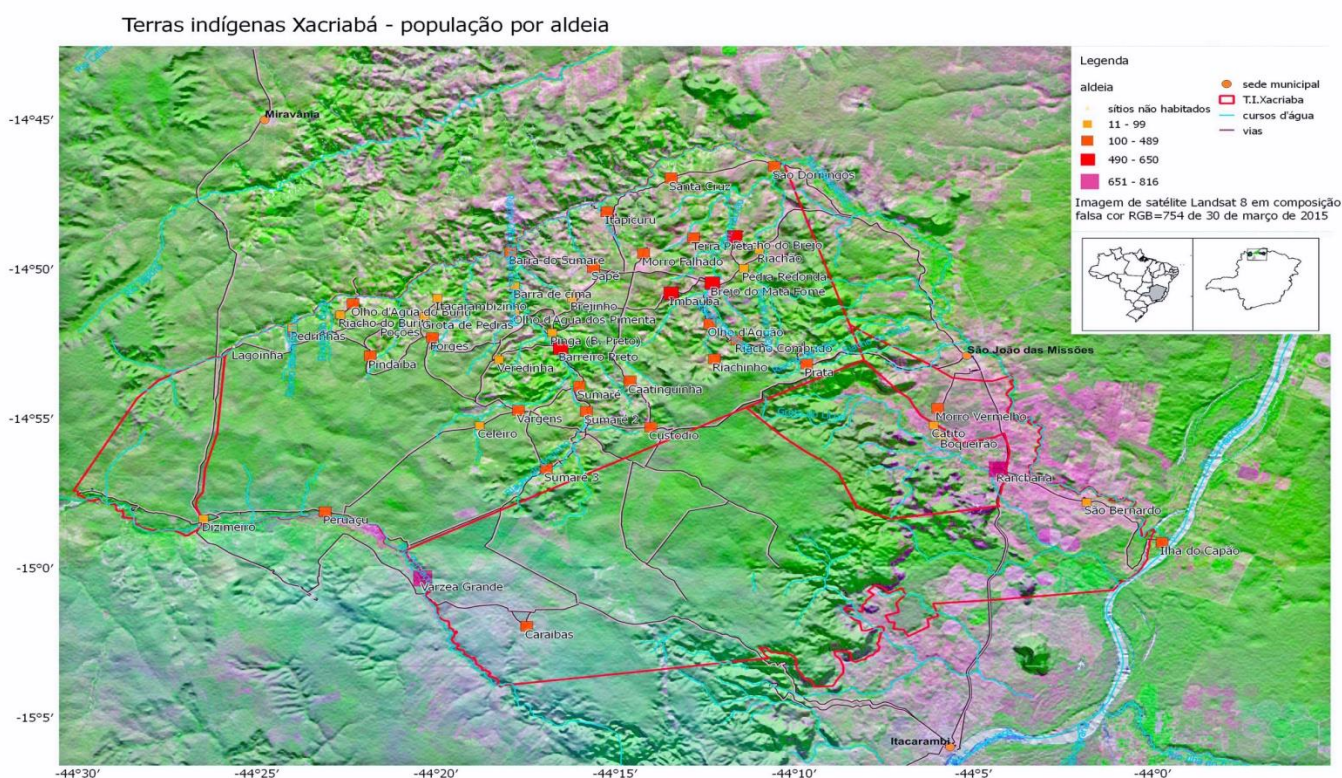


Figura 1: Mapa do território Xakriabá população por aldeia Plano de Gestão Territorial Ambiental (PGTA), 2016.

O território Xakriabá localiza-se no Município de São João das Missões, Norte de Minas Gerais, na margem do Rio São Francisco. Foi homologado em 1987 e, em 2003, foi incorporada a área onde fica a aldeia Rancharia. Teve também a ampliação da área da aldeia Morro Vermelho e, no ano de 2013, deu início no processo de retomada da Fazenda Carafá.

O território tem um número aproximado de 53.213 hectares e aproximadamente 11.000 habitantes distribuídos em 36 aldeias. Tem quatro caciques e vice-caciques para ajudar na organização do mesmo, sendo que esses atendem à demanda de todo território. Em cada aldeia há uma liderança e uma vice-liderança. Essas lideranças trabalham sempre juntas para resolver os problemas do território em geral.

Além da demarcação da terra, nosso território tem um marco histórico que é a educação indígena diferenciada, que conseguimos por meio de muitas lutas das nossas lideranças - não foi fácil para conseguirmos. Antes nosso território não tinha escola e quando começou os professores eram não-índios e muitas pessoas não estudaram por falta de oportunidade. Mas, com a demanda de todos e a força das lideranças, conseguimos a educação indígena. Hoje possui escola nas aldeias, umas vinculadas a outras e os professores são todos indígenas, assim como diretores, técnicos e demais funcionários. As escolas atendem da Educação Infantil ao Ensino Médio.

Outra conquista também foram as unidades de saúde que possuem em nosso território. Não são em todas as aldeias, mas facilita muito o acesso. As pessoas são atendidas naquelas mais próximas de suas comunidades. Temos agentes de saúde, técnicos de enfermagem, dentista, enfermeiro, técnico de higiene bucal e outros. Isso para nós, Xakriabá, é muito importante, pois aos poucos estamos vendo o quanto nosso povo está crescendo.

Ainda não conseguimos tudo, mas o que temos não podemos esquecer que foi uma luta dos mais velhos e os mais novos vem acompanhando, dando seqüência, lutando e correndo atrás dos nossos direitos, pois temos muito o que conquistar.

Aldeia Prata



Figura 2: Aldeia Prata, 2018. Foto de Aldemir Xakriabá.

A aldeia prata localiza-se no Território Indígena Xakriabá. Atualmente possui 119 famílias e aproximadamente 500 pessoas. Na aldeia existe posto de saúde, escola que atende da Educação Infantil ao 3º ano do Ensino Médio. Em nossa aldeia tem agente de saúde, agente de saneamento básico, diretor, vice-diretor, professores, auxiliares de secretaria, auxiliares de serviços gerais, liderança e vice-liderança para ajudar na organização interna da comunidade.

As pessoas da nossa aldeia também vivem da agricultura e criação de animais como: porco, galinha, gado e outros. Apesar das mudanças climáticas dos últimos anos, as pessoas não deixam seus costumes de antes. Mas os homens saem muito para trabalhar em outros Estados para manter a sobrevivência da família, por que em nossa região serviço é muito difícil. Antes nosso povo vivia da agricultura, porque tudo que plantava colhia, mas hoje não é mais assim: faz a plantação, mas a maioria perde por falta de chuva.

A aldeia recebeu o nome Prata porque o território é formado por terra de duas cores, uma parte de cor branca e outra de cor prata. Foi por isso que os moradores mais velhos deram este nome de aldeia Prata. A vegetação que predomina é conhecida pelos

mais velhos como tabuleiro, reconhecido também por cerrado. A mesma é muito rica em plantas medicinais, as quais são bastante utilizadas pelos moradores da aldeia como medicina tradicional.

Nossa aldeia teve uma grande conquista nos últimos anos, pois hoje temos muitos benefícios que antes não tínhamos e isso facilitou muito a vida dos moradores como o acesso à saúde, escola, energia elétrica e estrada para nos movimentar de uma aldeia para outra e para fora do território. Perdemos sim algumas coisas, como a agricultura, que antes era a sobrevivência do povo, mas ganhamos outros benefícios.

O que ainda é muito difícil em nossa aldeia é a água, principalmente no período da seca, porque antes tinha muitas nascentes, mas acabou secando por falta de chuva e assim dificulta muito a vida do povo, pois não podem criar grandes quantidades de animais, não podem plantar muitas plantas até mesmo nos quintais das casas porque às vezes ficam dias sem vir água e as plantas acabam morrendo. A maioria dos moradores possui reservatórios em casa para armazenar água, mas nem sempre é o suficiente para fazer todas as atividades - é mais para cozinhar, beber e fazer as atividades do lar. A água que usamos vem de uma aldeia vizinha chamada Riachinho, onde há um poço artesiano e abastece água para várias aldeias.

CAPÍTULO 1: A PESQUISA SOBRE AS ROUPAS DE PALHA TRADICIONAIS XAKRIABÁ

Metodologia

Participei juntamente com dois alunos do 1º Ano do Ensino Médio, Ivan (*inmemoriam*)¹ e Elielma, e um colega de trabalho, Aldemir, de uma oficina de confecção das roupas de palha tradicionais ministrada pelo professor de cultura Xakriabá José de Araújo Souza, conhecido como Déda, em junho de 2016 e fotografei o passo a passo da produção das mesmas.

Nesse momento fiz a observação do processo de produção das roupas. Para fazer as anotações utilizei um caderno de campo. Durante a oficina conversei com Déda, que me explicou sobre a confecção das roupas.

Após a oficina, realizei entrevistas com indígenas Xakriabá que têm conhecimento das roupas entre julho e setembro de 2016. Procurei escolher essas pessoas que conhecem a cultura Xakriabá, conhecem a produção das roupas de palha e seus significados.

Por fim, fiz a leitura de trabalhos de estudantes indígenas que tratam de outros aspectos da cultura Xakriabá, como os cantos e as Loas. Li também o trabalho de estudantes de outros grupos indígenas, como o de Izaque de Souza, que pesquisou os trabalhos em taquara dos Guarani Mbya, pelo fato de ser um material semelhante ao meu.

Sobre os entrevistados

Foram entrevistadas três pessoas, uma da aldeia Prata, uma da aldeia Imbaúba I, e uma da aldeia Barreiro Preto. Escolhi essas pessoas por ter uma história de vida marcante dentro do território xakriabá e também experiência que muitas pessoas não têm mais, principalmente os jovens. Apesar das dificuldades que enfrentam, essas pessoas estão sempre lutando a favor da melhoria para o nosso povo. Uma dessas pessoas é um ancião que tem um amplo conhecimento a respeito da cultura indígena e seus costumes, as outras duas pessoas ainda são novas mais têm também um conhecimento muito rico da cultura, das práticas tradicionais e vêm sempre

¹ Infelizmente, Ivan faleceu em outubro de 2016, vítima de um acidente de motocicleta.

contribuindo com suas sabedorias. É assim que o povo xakriabá vive: uns aprendendo com os outros.

Agora vou apresentar os meus entrevistados os quais me atenderam com muita dedicação e foram grandes contribuintes na realização do meu trabalho.



Figura 3: Senhor Valdemar liderança da Aldeia Prata, 2018. Foto de Neuza Xakriabá.

Senhor Valdemar tem 70 anos, nasceu na aldeia Imbaúba, e ainda jovem, mudou para Aldeia Prata na qual mora até hoje. Ele saiu algum tempo para fora para trabalhar mais nunca se esqueceu do território Xakriabá, sempre retornou, e permanece até hoje dentro da reserva. Ele é liderança dessa aldeia há muitos anos. Ele tem um papel importante dentro e fora da aldeia, é uma fonte de pesquisa para os estudantes e atende a todos que o procuram. É uma pessoa que está sempre participando dos movimentos a favor do nosso povo dentro e fora do território, no curso do FIEI. Assim como outras lideranças é uma pessoa de fundamental importância, pois vem nos ajudando desde o início do curso. Em relação ao meu trabalho de conclusão de curso, o Senhor Valdemar foi uma pessoa que contribuiu muito com seu conhecimento e sabedoria a ponto de tirar minhas dúvidas relacionadas às roupas de palha tradicionais Xakriabá. Ele diz que nunca produziu a roupa, mas se for para fazer ele consegue, e conhece todos os materiais que a produzem.



Figura 4: Déda professor de Cultura, 2014. Foto de Manoel Antônio Xakriabá.

Déda cujo nome indígena é Siripité Massaricuá, tem 34 anos, morador da aldeia Imbaúba I, é professor de cultura e domina muito bem a parte do artesanato. Déda é uma pessoa ainda jovem, mas de extrema importância dentro do território Xakriabá, vem sempre participando dos movimentos culturais dentro da reserva, tem um grande dom na construção de artesanatos que é uma riqueza para o nosso povo. Os mais velhos sempre se preocupam com o aprendizado dos jovens e o interesse em aprender algo da cultura para que não se perca. Segundo Déda, ele já nasceu com esse dom de produzir o artesanato, diz que enquanto criança morou sempre com sua avó e ela sempre passava as orientações para ele e ele foi cada vez mais se interessando e aprofundando, pesquisando com os mais velhos e um dia pediu sua tia para ensinar ele a fazer. Ela o ensinou, ele conseguiu aprender a produzir a roupa com ela naquela época e produz até hoje. Em relação ao meu trabalho de conclusão de curso, ele foi uma pessoa relevante, pois com todo conhecimento que possui foi possível contribuir em boa parte do meu trabalho, pois conhece todo processo de produção das roupas de palha tradicionais e todo o material usado na sua produção. Enfim ter escolhido Déda para fazer parte do meu trabalho foi um aprendizado muito rico, é uma pessoa de suma importância a qual está sempre disposta a contribuir com sua sabedoria e experiências que possui.



Figura 5: Célia Xakriabá, 2017. Foto de Neuza Xakriabá.

Célia tem 28 anos. Ela é da aldeia Barreiro Preto, quando fiz a entrevista ela era coordenadora de Educação Escolar Indígena da SEE² (Secretária Estadual de Educação). Mestranda em Educação Intercultural para Sustentabilidade na UNB. E foi professora de cultura na aldeia. É uma pessoa muito jovem mais com um conhecimento muito rico, vem sempre participando dos movimentos a favor das causas indígenas, em busca de direito para o nosso povo, sempre falando com muito carinho e dedicação. Célia estudou com os primeiros professores Indígenas de Minas Gerais e tem uma grande satisfação em falar isso, pois começou na escola, não como professora, mas

² Em agosto de 2017 Célia deixou a coordenação de educação escolar indígena da SEE-MG, tendo assumido outro indígena Xakriabá.

como aluna dos primeiros professores, então ela teve esse privilégio. Em relação ao meu trabalho de conclusão de curso, Célia foi uma das pessoas que teve uma grande contribuição com seu conhecimento nas informações necessárias sobre as roupas de palha tradicionais, a qual falou um pouco sobre a participação das mulheres na confecção das roupas e na transmissão dessa tradição.

CAPÍTULO 2: PROCESSO PRÁTICO DE CONFECÇÃO DAS ROUPAS DE PALHA

Particpei de uma oficina de confecção das roupas. Para participar dessa oficina, primeiro conversei com Déda, da aldeia Imbaúba I que faz as roupas e marcamos o dia. Nesta oficina, levei para participar junto comigo dois dos meus alunos Ivan e Elielma, do 1º ano do Ensino médio. E também chamei um colega de trabalho, Aldemir, para me ajudar na parte da filmagem e fotografias.

Neste dia, foi possível fazermos uma saia, porque o processo é extenso. Conversamos sobre outras vestimentas e demais artesanatos que são feitos também com a palha, apesar de não ter sido possível confeccioná-los: *cocar*, que é feito com a seda da malva, e outros feitos com a seda do buriti; o *top*; o vestido que é muito procurado também na nossa região; a blusa; o cinto que pode colocar outros materiais para enfeitar como frutas, cocos e outros materiais para usar na hora do ritual fazendo um barulho, acompanhando a batida do maracá.

Além dessas vestimentas Déda conta que se faz também outros artesanatos com a seda do buriti para ser usado no nosso dia-a-dia como: Bolsinhas (*Patrôpatroré*), que servem para guardar dinheiro (*quitopresum*), material de escola (lápiz, caneta e borracha), outra bolsa para colocar o celular, uma tecnologia que o povo Xakriabá também usa, e uma outra um pouco maior para levar caderno para escola, fazem também uma peça para carregar as frutas da mata e ainda pratos, cestos, tapetes, esteiras, guardanapos e outros.

Como fizemos? O professor foi mostrando o passo a passo da construção da saia e iniciou o processo e eu juntamente com os dois alunos fui construindo junto com ele até terminarmos. É um processo demorado até porque eu nunca tinha feito nenhuma roupa de palha então até pegar o ritmo e aprender o tipo de trança foi muito difícil. E registrei por escrito e fotografia o passo a passo da roupa.

Observei que tem trança que tem o formato da pintura Xakriabá e outros tipos de trançado. É interessante que eu percebi também que os Guarani fazem diferentes trançados, para fazer as cestas de taquara como mostra no trabalho de Izaque de Souza (2016, p. 23), A cestaria Guarani Mbya de Sapukai - Bracuí (RJ). Souza apresenta os

trançados diferentes usados nas cestinhas, assim como no caso da saia tradicional Xakriabá também há diferentes tipos de trançado.

Apreendi também o tempo certo para tirar seda do buriti para fazer as roupas que tem tudo a ver com a cultura Xakriabá. Na lua nova é o melhor período: sai bom e facilita o trabalho. porque a lua está no escuro, ou seja, é quando o sol faz sombra na lua, deixando a mesma sem brilho por uns dias, sem a reflexão do sol na lua, onde ela não tem reflexo e perde a força de atração sobre tudo que há na terra. Por esse motivo as águas do corpo das plantas descem e se concentram a maior parte nas raízes, com essa ausência da concentração da água no corpo da árvore (buriti) deixando o material mais resistente. Já na lua minguante sai pela metade, o que dificulta o trabalho. Pois no nosso olhar quando a lua vai ficando minguante a seda também minguava, diminui de quantidade e assim perdendo concentração, resistência e durabilidade Essa é uma tradição do povo Xakriabá. É como se fosse uma ciência de saber qual o tempo certo para fazer cada atividade. Esse conhecimento é passado pelos mais velhos.

Outros povos indígenas também têm esse conhecimento em relação ao tempo como percebi no trabalho de Izaque de Souza. Segundo Souza (2016, P. 30), tem o tempo certo para tirar taquara, quando diz “*para tirar taquara, vê o dia certo na lua minguante, para não estragar suas fibras*”. Vejo aqui mais uma semelhança com o povo Xakriabá nos costumes tradicionais. Na minha pesquisa abordei também que para tirar a palha para fazer a roupa tem que ter alguns cuidados que envolvem o tempo.

O professor Dedá diz que 8 brotos de buriti médio dá 1 kg de seda, e 2 kg de seda dá para fazer 3 saia média. E é trançado 10 metros de seda para fazer um *top*. A seda é tirada do broto do buriti. Para tirarmos a seda abrimos os brotos da palha do buriti.

Os melhores meses para tirar a seda do croatá e embiruçu são de Novembro a Março. A malva só encontra no tempo que chove, deixamos ela brotar e quando tiver com tamanho que dá para tirar a seda, agente corta ela, separa todas as folhas podres e amarra os feixes, dividindo-os em três partes. Em seguida amarra uma pedra para dar peso e joga o feixe dentro de uma vasilha com água para começar a tirar a seda.

A seda muda de cor dependendo de onde ela secar, se agente quiser que a roupa fica clara após feita colocamos para secar no sol e se quisermos ela mais parda, colocamos para secar na sombra.

Embora existam vários materiais para fazer as roupas de palha, atualmente, segundo o professor Déda, usa-se mais o buriti devido a dificuldade de encontrar os demais. Mas para fortalecer a cultura agente usa o que tem, porque se comprarmos um material lá fora para fazer a roupa como diz o Senhor Valdemar “é estrutura dos brancos e não dos índios”.

Existem diferenças nas roupas tradicionais de antes para hoje. O professor Déda diz que a maioria das vezes as pessoas usavam roupas de couro de bicho de caça e como vimos sofrendo com o aquecimento global, desmatamento, fogo nas matas, a população também foi aumentando cada vez mais. Nosso povo precisava plantar e assim as caças foi distanciando para outra região mais preservada. Isso gerou modificação para as roupas de palha, mas não deixamos de praticar.

O professor Déda diz que vem sempre trabalhando na sua aldeia Imbaúba I com uma equipe de 15 famílias as quais praticam as atividades fazendo artesanatos, gerando fonte de renda e essas pessoas fazem parte do ritual e as mesmas se sentem preparadas até para ir em busca dos nossos direitos fazendo várias viagens. E a cada 8 dias ele acompanha essa equipe para repassar o aprendizado, pois ele trabalha em sala de aula, mais o tempo é curto então ele vem reforçando diretamente o conhecimento na aldeia.

O Senhor Valdemar fala da facilidade que temos hoje para confeccionar as roupas, que são as ferramentas para ajudar e antes não tinha ferramentas, faziam tudo à mão o que levava mais tempo para fazer. Para tirar a embira do embiruçu mesmo tinha que colocar antes a madeira dentro da água para amolecer e facilitar o trabalho e hoje as ferramentas ajudam muito nessa parte.

Após as roupas feitas, podem usar pinturas nelas para dar uma transformação na cor, mas depende muito da pessoa que vai usar, pois algumas preferem usar a cor natural.

Célia Xakriabá, em sua entrevista, fala da importância de fazermos uma retomada e entender o processo das roupas tradicionais Xakriabá, que assim, como ela descobriu na sua pesquisa que na pintura corporal o mais importante não é a hora que

agente coloca a pintura no corpo, o mais importante são os processos. Passou então a observar desde o momento que a pessoa ia pegar o jenipapo e torcia o jenipapo e *“muitas vezes as pessoas falavam que tal fulano tinha a mão boa prá fazer o jenipapo, a tinta saia forte, a outra pessoa pegava no mesmo pé de jenipapo e a tinta saia fraca então aquela pessoa não tinha ou no momento não estava com a mão boa”*. Célia acredita que é *“assim também no processo da retirada do buriti dependendo da lua, dependendo do estado da mulher, talvez aquela roupa não vá ter tanta durabilidade e não vai ser forte para o ritual”*.

Tanto a oficina quanto as entrevistas foram muito produtivas, aprendi bastante, além de contribuir com meu trabalho de conclusão de curso, vou levar em toda minha vida o conhecimento que tive, a ponto de manter o registro das mesmas dentro da minha comunidade e poder contribuir com esse conhecimento ajudando a repassar essa prática do povo Xakriabá.

É muito importante para todos nós tanto a aprendizagem quanto os registros, pois é o que os mais velhos sempre pedem é que os jovens aprendam algo da cultura para que a mesma não seja esquecida. E percebi que as práticas estão sendo cada vez mais retomada, como a prática de jogar loas no trabalho da Luzionira Lopes. A autora fala que *“a prática de jogar loas é transmitida de geração em geração pela tradição oral”* (LOPES, 2016, p.15). Ela fala sobre a importância dessa prática de jogar loas e como ela é transmitida assim como outras práticas presentes para o povo Xakriabá. No caso da transmissão cultural das roupas de palha, ela também é feita oralmente não sendo aprendida por meio de livros.

Como sou professora vou levar esse conhecimento para meus alunos e até mesmos para os professores, pois meu trabalho pode servir como material didático para ser trabalhado na escola, como viemos lutando por uma educação diferenciada esses trabalhos que envolvem as práticas culturais devem ser apresentados e trabalhados nas escolas para preparar nossos alunos para conhecer a nossa realidade, essa é umas das minhas preocupações.

Observo que essa preocupação de produzir material didático para os alunos existe em outras etnias, como percebi no trabalho do Izaque Guarani. Ele também pretendia *“montar um material que pudesse ajudá-lo nas aulas de línguas na escola em*

que atua” (SOUZA, 2016, p.3). Isso é bem interessante porque para os povos indígenas trabalhar a sua realidade facilita muito o desempenho dos alunos e toda comunidade.

Passo a passo da confecção da saia de palha

A Palha de Buriti

1) Procura o material.

O buriti é uma planta muito utilizada para fazer as roupas de palha em nosso território, mas é muito difícil, pois não se encontra em todas as aldeias e é bastante procurado principalmente pelas pessoas que produzem artesanato. Déda diz que costuma tirar a palha na aldeia Peruaçu e sempre que pode vai pegar para deixar em casa para facilitar o seu trabalho que envolve tanto as oficinas de confecção das roupas , quanto a confecção de artesanatos.



Figura 6: Buriti planta que usamos para fazer as roupas de palha e outros artesanatos, 2014. Foto de Aldemir Xakriabá.

2) Tira a palha do Buriti para fazer a roupa.



Figura 7: palha do buriti, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.

3) A palha deve ser colocada de molho em uma bacia com água antes, para amolecer e fazer a roupa.



Figura 8: palha de molho em uma bacia com água, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.

4) Abri dois buracos no chão para colocar duas forquilhas de madeira para amarrar a corda trançada e dar início na construção da saia.



Figura 9: Abrindo os buracos para colocar as forquilhas, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.

5) Começa a trançar a corda para fazer o cóis da saia, a corda pode ser trançada de duas formas para a direita e para a esquerda. Após a corda trançada se preferir pode molhar para apertar mais um pouco. Para cada corda precisamos de 4 fios de palha.



Figura 10: Trançando a corda para dar início na produção da saia, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.

6) Amarra a corda nas forquilhas e começa confeccionar a saia, pegando 2 fios de palha e amarrando na corda trançada. Molhar sempre que necessário.



Figura 11: Professor de cultura amarrando a corda trançada nas forquilhas para começarmos a confeccionar a saia, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.



Figura 12: Confeccionando a saia, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.

7) Para fazer o acabamento da saia, pegamos 2 fios de corda para amarrar abaixo da corda do cós. E quando a saia estiver já terminando é bom medirmos em uma pessoa para vermos a medida da cintura e o tamanho.



Figura 13: Medindo a saia para fazer o acabamento, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.

8) Corta as pontas da saia com um facão.



Figura 14: Cortando as pontas da saia com facão, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.

9) Penteie o corpo da saia com um garfo para acertar os fios.



Figura 15: Penteando a saia, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.

10) Acerta os fios da saia com a tesoura.



Figura 16: Acertando as pontas da saia com tesoura, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.

Material para confecção dos artesanatos de palha

Os materiais utilizados para a construção do artesanato de palha são: Buriti, Mamona, Mata pasto, Corda de piaçaba, Mutamba, Malva, Croatá, Embiruçu, Tabua, Espada de São Jorge, Banana roxa, Piteira.



Figura 17: Banana roxa material usado para produzir as roupas de palha tradicionais Xakriabá, 2017. Foto de Neuza Xakriabá.



Figura 18: Tabua material usado para fazer as roupas de palha tradicionais Xakriabá, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.



Figura 19: Croatá material usado para fazer as roupas de palha Hakriabá, 2017. Foto de Edmar Hakriabá.



Figura 20: Embiruçu material usado para produção das roupas de palha tradicionais, 2017, Foto de Edmar Xakriabá.



Figura 21: Buriti usado para produção das roupas de palha tradicionais Xakriabá,2014, Foto de Aldemir Xakriabá.



Figura 22: Saia feita com a corda de piaçaba, material que não se encontra na aldeia tendo que ser adquirido fora 2015, Foto Neuza Xakriabá.



Figura 23: Vários artesanatos feito com o buriti, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.>

Outras vestimentas que também são feitas de palha

Além da saia, as demais vestimentas que são feitas de palha são: blusa, cocar, top, cinto, entre outras.



Figura 24: Blusa feita com palha de buriti para usar nos rituais Xakriabá, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.



Figura 25: *cocar* feito com palha de malva, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.



Figura 26: *Top* feito com palha do buriti para ser usado com as saias de palha nas apresentações tradicionais Xakriabá, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.



Figura 27: Cinto feito com a palha do buriti para usar nos rituais, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.



Figura 28: Exemplo de saia finalizada de palha pintada, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.

Outros artesanatos que são feitos de palha

Ao participar da oficina e fazer as entrevistas descobri que existem vários artesanatos que são feitos com a palha, além das roupas. E todos eles são importantes para o povo xakriabá, cada um tem sua utilidade, pois tudo que existe em nosso território vindo da natureza tem sua importância. São eles: bolsa, cesta, cesto, tapete, e outros.



Figura 29: Bolsa da palha usada para carregar caderno, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.



Figura 30: Peça feita de palha do buriti para colocar borduna e cesta para colocar frutas que pega da mata, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.



Figura 31: Bolsinha para colocar celular, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.



Figura 32: tapete feito do buriti para usar em casa, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.



Figura 33: Cesto feito com buriti para usar em casa, 2016. Foto de Aldemir Xakriabá.



Figura 34: Esteira feita com talo do buriti e outros artesanatos do povo Xakriabá,2016. Foto de Claudinéia Xakriabá.

Ritual com roupas de palha tradicionais Xakriabá



Figura 35: Ritual Xakriabá na formatura da turma da LAL, 2016. Foto de Neuza Xakriabá.



Figura 36: Formandos da turma da LAL, 2016. Foto de Neuza Xakriabá.



Figura 37: Indígenas Xakriabá na formatura da LAL,2016. Foto Neuza Xakriabá.

CAPÍTULO 3: O QUE APRENDI COM A PESQUISA

O que aprendi com as entrevistas

Após a oficina, marquei as entrevistas. As entrevistas foram de fundamental importância para mim, colhi muitas informações importantes para o meu trabalho, uma vez que todos os meus entrevistados me atenderam com muita satisfação.

Enfim, foi um momento relevante no meu trabalho, pois tive a oportunidade de buscar informação referente a minha cultura e até conhecer um pouco mais as pessoas que estão envolvidas, na confecção das roupas de palha e até mesmo aquelas que não confeccionam mais que tem conhecimento do processo e conhece também os materiais de produção.

Um dos meus entrevistados foi o mesmo professor que ministrou a oficina: Déda. Na entrevista ele falou e apresentou muitos artesanatos feitos com a palha além das vestimentas. Falou quais são as plantas que são usadas, algumas eu já conhecia e outras não, mas este foi o momento para que eu passasse a conhecê-las. Embora umas sejam difíceis de encontrar, pois não existem em todas as aldeias e nem todas as pessoas conhecem, principalmente os jovens. Mas vou buscar cada vez mais o reconhecimento das mesmas para facilitar o acesso para minha comunidade.

A importância do uso das roupas

Os entrevistados têm visão diferente em relação ao uso das roupas. Para o Senhor Valdemar,

Às vezes em um ritual tem pessoas que estão com a roupa tradicional e outras que não estão, mas o pensamento delas é o mesmo. Por estar no grupo é uma pessoa de confiança e respeita aquilo que está fazendo mesmo sem estar com a roupa. E se está com a roupa no ritual é uma segurança, é uma forma de mostrar algo da cultura que já foi muito encoberta e hoje ela está mais aparecida. (Valdemar Ferreira dos Santos, 09/07/16)

Segundo o Senhor Valdemar, as roupas de palha são um dos pontos principais para os indígenas Xakriabá, porque antes eles não usavam outro tipo de roupa. As roupas que eles usavam eram as que eles mesmos faziam. As mulheres faziam os sutiãs,

saias e vestidos pra elas. E os homens também faziam a saia e às vezes usava, junto com o *cocar*.

Para o Senhor Valdemar o uso da roupa com outros adereços tem um grande significado, quando diz

Essa estrutura tem uma habilidade muito grande. A roupa, o *cocar*, o maracá. Ela é um significado de respeito é uma origem muito fina que é a sustentabilidade do índio. É uma coisa que conserva, eles usam mais é pra isso. O maracá, se o índio tiver com uma demanda e ele bater o maracá, as coisa maneram, baixa a pressão. Então eles já têm essa confiança de bater o maracá e vencer a guerra. A roupa é algo da nossa cultura que estava guardada e que os índios foram obrigados a largar depois do contato com os brancos. Os brancos não aceitavam e foi mudando o pensamento dos índios. E assim passaram a usar outros tipos de roupas para ficar igual a eles. Os primeiros habitantes do Brasil foram os Indígenas. Na verdade, quando os brancos aqui chegaram, os índios já existiam e tinham seu jeito diferente que eram as roupas e o *cocar*. Um homem colocava o *cocar* e era visto como rei no meio dos outros e uma mulher também colocava um *cocar*, uma coroa e vestia a roupa de palha e passava a ser vista como rainha, no meio das outras. E assim, ficou até hoje. Quando o índio vai para uma guerra ou em busca de uma demanda pelo território, ele vai vestido com as roupas tradicionais, *cocar* e também seus armamentos: lança, flecha, borduna e vão com fé, pois tudo isso é estrutura do índio. Usar a roupa de palha e outros trajes da cultura significa também parecer Xakriabá pela revitalização da cultura e dos povos indígenas brasileiros. (Valdemar Ferreira dos Santos, 09/07/16)

Ainda de acordo com o Senhor Valdemar, para o povo Xakriabá, a saia de palha é uma vestimenta própria das mulheres, os homens vestem se preferirem. Quando for fazer uma apresentação, normalmente as mulheres aparecem todas vestidas de saia e os homens de colar, *cocar*, short e sem camisas esse é o tipo de vestimentas dos homens xakriabá quando vão participar de algum ritual.

Para Déda, a roupa de palha tradicional Xakriabá tem um grande significado para o nosso povo, porque ela é benzida. Então quando as pessoas vestem para fazer um ritual incorpora nesta oração, dando mais fortaleza para apresentar os cantos tradicionais.

Com o passar dos tempos houve diferença nas roupas de palha, porque as pessoas faziam e usava de forma natural e hoje tem pessoas que usam a pintura nelas, mas depende da pessoa porque algumas preferem a cor natural. Mas a pintura também é importante, pois ela tem significado.

Isso para nós é uma grande importância, quando agente ta se preparando com a roupa a gente sente mais preparado, até mesmo pra gente puxar um ritual, agente consegue concentrar mais, porque essa roupa também depois dela pronta, ela é passada por um processo de preparação, e que essa preparação quando agente veste essa roupa incorporamos dentro dessa oração, porque se agente estiver sem essa roupa agente não consegue concentrar muito bem, mas quando agente está com essa roupa, agente concentra e consegue buscar até muitos

cantos que às vezes quando agente não está com essa roupa agente não consegue buscar. Isso pra nós é muito forte.(José de Araújo Souza, 15/07/16)

Segundo Abreu (2016) os conhecimentos estão “*manifestados nos cantos tradicionais*”(p.5). Assim como ele considera os cantos tradicionais muito importantes, pois através deles podemos refletir um pouco mais sobre a nossa cultura. Quanto ao meu trabalho, ele pode contribuir bastante, pois o uso das roupas de palha tradicional traz mais concentração para apresentar os cantos.

Déda conta que existe uma relação entre a fabricação da roupa e o ritual. É algo da nossa cultura que vem desde os nossos mais velhos e foi passando de geração em geração.

Essa relação começa desde o momento que agente vai buscar o material para tirar a seda e fazer a roupa. Antes de irmos temos que fazer nosso ritual pra pedir licença à mãe natureza para que agente vá e consiga encontrar o material de qualidade e também agente se sente protegido quando fazemos o ritual. Porque lá no mato passamos por muitos lugares fechados que se tornam perigosos, pois pode ter insetos e outros bichos ruins e por isso é importante fazermos essa preparação.(José de Araújo Souza, 15/07/2016)

Déda relata ainda em sua entrevista que as roupas de palha tradicionais do povo xakriabá demarca território dentro e fora das nossas aldeia.

É o significado da roupa pra nós Xakriabá. Isso significa também a nossa cultura e fortalece a nossa espiritualidade e também dá força pra nós demarcar o território, mesmo não seja um território assim que vamos falar assim, vamos demarcar e homologar, mas quando agente ta todo preparado com as roupas a gente demarca território. Por exemplo, se a gente tiver em uma região vamos fazer parte de uma região mesmo se agente tiver em uma outra festa. Mas quando a gente chega todo trajado com essas roupas, naquele momento ali, aquelas pessoas ali já têm aquela visão, quando agente vai chegando eles sempre vão abrindo espaço. Não precisa agente chegar lá e falar assim ‘dá licença para eu passar aqui’, mas quando alguém vê a gente dessa forma, eles têm um outro respeito, uma consideração com agente também. Então a gente tem isso também como uma força para demarcação de território. (José de Araújo Souza, 15/07/16)

O mais importante é que a prática tanto do uso quanto da produção das roupas é passada de geração em geração aonde as pessoas vão aprendendo com seus familiares e muitos já tem aquele dom que nem precisa de ensinamentos, ao ver alguém fazendo já aprendem também.

Célia Xakriabá relata em sua entrevista que

É interessante começar fazer este estudo, mais na verdade É interessante ouvir essa narrativa mais velha, porque às vezes agente pensa que alguma coisa que é acontecida ali no dia a dia passa por despercebido e não passa por observar seu significado assim, como a pintura corporal que eu descobri que na verdade não existe pintura sem ritual e ritual sem pintura. E as roupas elas estão presentes no ritual, elas têm um simbolismo no ritual. A partir do momento que as

mulheres ao fazer as roupas passam a colocar o trançado, passam colocar sua mão dedicar aquele momento para fazer, ela ganha ressignificado a roupa. Então assim como a roupa também não existe ritual sem uma preparação de uma roupa tradicional e principalmente que passa pelo viés da retirada do buriti que passa pelo processo, as práticas que passam muitas vezes na maioria das vezes na mão das mulheres. (Célia Xacriabá, dia 26/09/16)

A importância da contribuição de Célia com essa pesquisa diz muito da participação das mulheres na confecção das roupas e nos rituais. Célia chama atenção também para a importância da roupa tradicional para o povo Xakriabá principalmente nas formaturas que é um momento fundamental pra todos nós, onde todos os professores principalmente os professores de cultura de todas as escolas pintam os formandos e todos vestem as roupas tradicionais para receber o certificado e antes da formatura juntos fazem rituais onde cantam vários cantos para abençoar o futuro de cada um, por que faz parte da cultura e do pertencimento de ser Xakriabá.

Ainda segundo Célia *“a roupa tradicional Xakriabá passa a ganhar grande importância e fortalecimento a partir das formaturas Indígenas”*. Mas precisamos também recuperar um pouco do significado dessa simbologia e agente percebe que a vestimenta Xakriabá é marcante pela região usada pelos indígenas Xakriabá dentro e fora do nosso território.

Célia Xakriabá relata em sua entrevista que ao fazer seu trabalho de percurso sobre as pinturas corporais, abordou uma relação entre pintura corporal e roupa tradicional Xakriabá.

No meu trabalho eu faço uma relação a presença e a importância da pintura presente nas roupas e na cerâmica, uma coisa que trago interessante apesar de não aprofundar por que não era o meu foco mais entender um pouco no processo que as pinturas no Xakriabá principalmente nas pessoas das lideranças ficou no processo adormecido por impedimento ou por constrangimento dos de fora os não índios. No momento que a pintura corporal ficou adormecida no corpo ela era muito usada na pintura das vestimentas e das cerâmicas, por que era uma forma de guardar a pintura para que ela não fosse esquecida. (Célia Xacriabá, dia 26/09/16)

Existe uma grande importância no uso das roupas para o ritual, hoje em dia as pessoas estão acostumadas a comprar as roupas prontas, como diz Célia Xakriabá.

Hoje em dia a gente vê que principalmente a juventude ela vai lá prefere dar o dinheiro e comprar é interessante porque de certa forma circula a renda também, mais se agente não entende o processo agente não tem pertencimento, agente também não aprende, por que agente aprende, não só no produto pronto agente aprende é no processo de fazer, então têm uma grande importância mais eu acredito que ai dá uma ausência muito grande por parte da juventude que não participa do processo. (Célia Xacriabá, dia 26/09/16)

Célia chama atenção para a importância de dizer que as vestimentas Xakriabá, principalmente nessa prática bem tradicional das roupas de palha, demarcam identidade no nosso modo de ser Xakriabá. Por que muitos questionam a identidade dos Xakriabá, mas têm carência em saber de onde eles vêm. E o primeiro momento quando questionam nossa identidade deveriam levar em consideração também que passamos pelo processo de violência onde nós éramos intimidados de usar parte da nossa cultura onde as vestimentas Xakriabá fazem parte desse acontecimento.

Outra situação que viemos vivenciando e que também implica hoje são as mudanças climáticas as grandes queimadas na região do Peruaçu dificultam também o processo da retirada do buriti. E assim, surgem alternativas em que as pessoas fazem também roupas de saco de algodão, mas tentam também ressignificar essa roupa com pinturas corporais que demarcam a partir do momento que agente coloca o nosso modo de ser indígena naquela roupa. Então ela passa também ganhar significado.

Célia relata que:

É uma prática que as mulheres xakriabá tinham antes das pinturas e das vestimentas de palha, elas faziam roupas de algodão e é interessante rever algumas memórias e conversando com algumas mulheres elas contam casos interessantes que era uma forma tradicional do povo xakriabá e não fazia parte desse modismo que existe hoje. (Célia Xakriabá, dia 26/09/16)

Particpei de uma oficina de pintura das roupas de saco de algodão, nesta oficina estava presente eu e outros alunos do FIEI, a mesma foi administrada por Eva e Dona Zelina Xakriabá. Nesta oficina, elas nos apresentaram o saco, ensinaram a cortar algumas roupas, uma saia do próprio pano e fizemos a moldura de outras em um papel, por que o tempo era pouco e não foi suficiente para costurarmos. Mas elas trouxeram algumas peças prontas para nós pintarmos.

Dona Zelina diz que antes o povo Xakriabá não usava outros tipos de roupa era apenas roupas feitas de saco de algodão, onde eles mesmos plantavam o algodão colhia e fazia suas próprias roupas, mas com o passar do tempo foi modificando, o algodão foi ficando difícil e assim foi aparecendo outros tipos de roupas.

E com o tempo os Xakriabá começaram a fazer as roupas de palha tradicionais, para usar nos rituais, onde muitas pessoas usam pinturas nessas roupas. Mas com as mudanças climáticas que vem acontecendo em nosso território os materiais foram ficando difícil de encontrar, pois não tem em todas as aldeias.

E com isso as pessoas começaram a produzir roupas de saco de algodão novamente, mas elas compram os sacos fora das aldeias e usam as mesmas pinturas que usam nas roupas de palha e até mesmo pinturas corporais a qual deixam elas com outra visão.

Essas roupas de saco de algodão as pessoas usam em qualquer ocasião, é diferente das roupas de palha que usam apenas em rituais, ou datas comemorativas como formatura.

Essa oficina me proporcionou conhecer um pouco sobre essa outra vestimenta presente na cultura do povo Xakriabá que já existia anos atrás, mas não conheci e agora ela está voltando um pouco diferente, porque antes o povo usava com a cor natural e hoje usam pinturas nelas, mas acredito que fica bem mais elegante.

Então meu trabalho vem nesse sentido de registrar o processo, incentivar as pessoas a produzir as roupas de palha, entender que as mesmas têm significado e fazer uso dessa prática do ser xakriabá, pois ela nos dá pertencimento e pode contribuir com todos da minha comunidade com foco principal na juventude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para realizar esse trabalho foram feitas três entrevistas, uma com Senhor Valdemar liderança da aldeia Prata, uma com Déda professor de cultura, e uma com Célia Xakriabá. Escolhi o Senhor Valdemar, por ser um ancião e um grande conhecedor da cultura Xakriabá, Deda, por ser jovem e dominar muito bem a parte das roupas de palha tradicionais e demais artesanatos. E Célia por ser mulher e ter uma pesquisa sobre pinturas corporais.

Propus a realização de uma oficina de confecção das roupas de palha tradicionais e registrei o passo a passo por escrito e fotografias. E fiz a descrição do trabalho a partir dos dados coletados na pesquisa e na oficina.

Com a pesquisa percebi o significado do uso da roupa para o povo Xakriabá, onde compreendi que a roupa demarca território dentro e fora da aldeia. Pois, quando usamos a roupa de palha em algum lugar não precisa falar quem somos, ao olhar e ver as pessoas com aquela roupa de palha já sabem que é Xakriabá. Isso para nós é muito forte.

Descobri também a relação que a roupa de palha tradicional Xakriabá tem com o ritual, quando a pessoa usa a roupa e vai para um ritual, ela tem mais inspiração para apresentar os cantos, isso porque ela passa por uma preparação. Antes de ser usada, ela é benzida.

Ao fazer a pesquisa eu tive dois olhares. Um como pesquisadora, quando estava analisando o processo, descrevendo e fotografando o passo a passo do processo de realização de feitura da roupa, buscando pegar os mínimos detalhes para aprender e contribuir com minha comunidade e também fazer meu trabalho de conclusão de curso. Outro como educadora, porque os professores indígenas têm um grande desafio de passar os dois conhecimentos para os alunos: o tradicional e o científico. E as roupas de palha fazem parte da cultura do povo Xakriabá. Então penso em poder contribuir com meus alunos por meio do conhecimento que aprendi, apresentando o trabalho para todos da escola e comunidade e me disponibilizando para contribuir com as informações que aprendi no decorrer da pesquisa.

Confeccionar e usar as roupas de palha tradicionais são práticas importantes do povo Xakriabá, e por isso é de grande relevância fazer essa retomada, pois assim como

outras práticas as roupas de palha estão um pouco adormecidas, mas as mesmas são fundamentais em nossa cultura. Muitas das vezes é difícil encontrar o material porque nem todas as aldeias possuem, mas ainda existem em algumas aldeias. Por exemplo, o buriti pode ser encontrado no Peruaçu e no Riacho dos Buritis.

Esse trabalho me proporcionou um conhecimento maior de minha cultura, pois por mais que não era algo estranho muitas das vezes parecia distante. Antes da pesquisa eu não conhecia a diversidade de material para confeccionar as roupas de palha como a banana roxa, o croatá, a malva, o buriti e outros. Por não ter todos esses materiais em minha aldeia, eu não cheguei a conhecer. Mas fiquei sabendo quais são, caso precise. Assim, como outras informações que busquei sobre as roupas de palha tradicionais Xakriabá.

Concluí que nossa escola precisa de material de apoio e esse trabalho pode servir como referência para ser trabalhado como material didático para alunos e professores e também como uma fonte de informação para a comunidade. Apesar de não me sentir preparada para fazer as roupas sozinhas, acredito que hoje eu tenho um olhar diferente sobre a confecção, pois sei as etapas de preparação e posso auxiliar no processo de confecção da roupa de palha. Além disso, hoje sei a importância que a confecção e o uso da roupa têm para o povo Xakriabá e a necessidade de retomar esse conhecimento. Como as roupas de palha são usadas nas formaturas e apresentações culturais, pretendo incentivar os alunos a procurar aprender a confeccioná-las para seu próprio uso, por eles não saberem confeccionar precisam comprar em outras aldeias, então é interessante que os mesmos aprendam a produzir essas roupas. Isso se torna um momento importante porque os alunos entendem todo o processo da roupa desde a retirada do material até o processo final. E assim, vai sendo passado esse conhecimento entre escola e comunidade, por que pode ser que quando os alunos tiverem fazendo esse trabalho, mais pessoas da comunidade podem sentir vontade de participar.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Jan Carlos Pinheiro de. *Cantos Tradicionais do povo Xakriabá: “ a cultura a favor do povo”*. Percurso de Conclusão de Curso do FIEI, FaE /UFMG. 2016.

LOPES, Luzionira de Sousa. *Loas e versos Xakriabá: tradição e oralidade*. Percurso de Conclusão de Curso do FIEI, FaE/UFMG. 2016.

SOUZA, Izaque de. *A cestaria Guarani Mbya de Sapukay Bracui (RJ)*. Percurso de Conclusão de Curso do FIEI, FaE/UFMG. 2016.